

# MEMÓRIA CRÍTICA DE SAGARANA

SÔNIA MARIA VAN DIJCK LIMA  
GRUPO DE PESQUISA "ARQUIVOS LITERÁRIOS"  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

## RESUMO

*Sagarana, depois de longo exercício de escritura, foi entregue ao público leitor em abril de 1946. Os críticos revelaram atitudes diversas diante dos contos de Guimarães Rosa, mas quase sempre procuraram realizar uma leitura orientada pelo cânone de até a primeira metade do século. Reconstituímos a memória da crítica sobre Sagarana, publicada no ano de seu aparecimento. Tomaremos, a título de exemplaridade, alguns recortes de periódicos colecionados pelo autor e que, atualmente, integram o Arquivo JGR, no IEB-USP.*

## RESUMÉ

*A la suite d'un long exercice d'écriture, Sagarana a été remis au public lecteur en avril 1946. Les critiques se sont partagés sur les contes de Guimarães Rosa, mais ils ont presque toujours cherché à faire une lecture selon le canon qui règnait jusqu'à la moitié du siècle passé. Nous avons reconstitué la mémoire de la critique sur*

*Sagarana, publiée l'année de sa parution. Nous avons pris à titre d'exemple quelques coupures de revues collectionnées par l'auteur qui actuellement font partie du Fonds João Guimarães Rosa de l'Institut des Etudes Brésiliennes de l'Université de São Paulo.*

#### ABSTRACT

*Sagarana, after a long writing process, was presented to the readers in April 1946. Critics showed a diverse range of attitudes towards Guimarães Rosa's short stories, but they almost always made an attempt at an orientated reading given by the canon until the first half of the century. We reconstructed the memoir of the literary criticism of Sagarana in the year of its publication. We will take, as an example, some clippings of periodicals collected by the author, which currently belong to the João Guimarães Rosa's Archive at the IEB-USP.*

#### O "HORIZONTE DE EXPECTATIVA"

**C**onforme lição de H. R. Jauss,

[...] a recepção de um texto pressupõe sempre o contexto de experiência anterior no qual se inscreve a percepção estética: o problema da subjetividade da interpretação e do gosto do leitor isolado ou em diferentes categorias de leitores não pode ser colocado de forma pertinente, se não se tem inicialmente reconstituído este horizonte de uma experiência estética intersubjetiva preliminar que funda toda compreensão individual de um texto e o efeito que ele produz (1978: 56).

Em outras palavras: a recepção estética faz-se nos contornos canônicos de um "horizonte de expectativa" (J AUSS, 1978: 54 ss.)

Revelado ao público em abril de 1946, *Sagarana*<sup>1</sup> encontrou um horizonte de expectativa interessado no regionalismo; leitores voltados para busca de um reconhecimento de uma identidade nacional, não importando a tonalidade ideológica desse ou daquele autor ou crítico, desse ou daquele grupo de artistas e intelectuais.

Nos limites de um cânone já habitado por José de Alencar e Franklin Távora, desde o século XIX, e José Américo de Almeida, a partir de 1928, a questão de uma literatura da terra e da gente brasileiras percorre e ultrapassa a polêmica das várias correntes do modernismo, em demanda de uma expressão nacional, cuja unidade resulta da diversidade de linguagens e de comportamentos culturais, vindos do processo histórico de colonização e conquista do vasto território brasileiro.

#### O CONTEXTO

No panorama político dos anos 30 e 40, havia uma ideologia nacionalista, movida pelo anseio de modernização. Dessa época foram a criação da Vale do Rio Doce, do DNER, da Companhia Siderúrgica Nacional, da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, ainda no primeiro governo Vargas, que, na convivência com os vários grupos oligárquicos, esteve atento às diferenças regionais. No contexto intelectual e artístico, João Luiz Lafetá salienta que havia uma atitude de “politização”, donde uma preocupação com os problemas sociais, o gosto pelos ensaios históricos e sociológicos, e, em consequência,

o romance de denúncia, a poesia militante e de combate. [...] os escritores e intelectuais esquerdistas mostram a figura do proletariado (*Jubiabá*, por

---

1. A notícia mais remota sobre *Sagarana* data de 1937, quando, com o título *Contos*, foi inscrito no Prêmio Humberto de Campos. A esse respeito remetemos a Lima, 2000a.

exemplo) e do camponês ( *Vidas secas*) instando contra as estruturas que os mantêm em estado de sub-humanidade (2000: 30).

Mas o período foi de contradições, conforme assinala o crítico:

[...] por outro lado, o conservadorismo católico, o tradicionalismo de Gilberto Freyre, as teses do integralismo, são maneiras de reagir contra a própria modernização. [...] A Revolução de 30, com a grande abertura que traz, propicia – e pede – o debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade, do drama das secas etc. O real conhecimento do país faz-se sentir como uma necessidade urgente e os artistas são bastante sensibilizados por essa exigência (2000: 32).

Todavia, a atualização literária das diversidades nacionais, ou da demanda da brasilidade, não se fez sem as dificuldades criadas por esse mesmo espírito nacionalista, como programa político. Na criação literária, buscava-se o coloquial e o regional como linguagem, empregando-se mesmo o calão e o palavrão; numa perspectiva realista, e até mesmo um tanto documental, procurava-se traduzir o “real”, e, logo, aparecem aqueles acusados de construtores de cenas fortes. Em suas memórias, depõe Nelson Werneck Sodré: “Romances de Jorge Amado e de José Lins do Rego foram para as fogueiras purificadoras; as bibliotecas sofreram buscas e delas, banidos como heréticos, esses livros, licenciosos para a nova pudicícia, foram retirados com alarde” (1970: 106). Lançado meses depois de findo o Estado Novo,<sup>2</sup> *Sagarana* insere-se nas contradições de seu tempo e conduz, ao longo de 1946, o debate crítico em torno do regionalismo.

---

2. Remetemos a Lima, 2000b: 177-9.

## A QUESTÃO DO REGIONALISMO

Álvaro Lins (1946), o primeiro a comentar o livro, conduzindo-se por seu repertório literário, encontrou termo de comparação no monumento *Os sertões*, iluminado pelo entendimento vigente das diversidades. A propósito de “São Marcos”, sublinhou: “[...] com uma descrição da natureza, tão monumental nas proporções e tão orquestral no jogo dos vocábulos, que logo faz lembrar, involuntariamente, a maneira euclidiana”. Traçava-se, portanto, o horizonte de expectativa da crítica.

Lins viu “o retrato físico, psicológico e sociológico de uma região do interior de Minas Gerais”, passando a tratar de seu caráter regionalista, e inaugurou a polêmica:

Mas o valor dessa obra provém principalmente da circunstância de não ter o seu autor ficado prisioneiro do regionalismo, o que o teria conduzido ao convencional regionalismo literário, à estreita literatura das reproduções fotográficas, ao elementar caipirismo do pitoresco exterior e do simplesmente descritivo. [...] Em *Sagarana* temos assim um regionalismo com o processo da estilização, e que se coloca portanto na linha do que, a meu ver, deveria ser o ideal da literatura brasileira na feição regionalista: a temática nacional numa expressão universal, o mundo ainda bárbaro e informe do interior valorizado por uma arte civilizada e por uma técnica aristocrática de representação estética.

Aberta a discussão, passou-se, então, a falar de regionalismo nas páginas dos periódicos. Francisco de Assis Barbosa (1946), por exemplo, também deu sua opinião, mandando a certos habitantes da “Cidade das Letras” uma pequena alfinetada, para não perder a oportunidade:

Regionalista, no bom sentido da palavra, [...] O interior de Minas está inteirinho nas suas novelas, escritas com

uma técnica verdadeiramente notável, onde encontramos sempre a palavra exata, a composição perfeita, até com requintes que chocam em meio à maneira desmazelada e muitas vezes antiliterária de certos escritores, nomes consagrados. [...] Mas não estaremos nós narcotizados por tanto desleixo, por tanta incorreção gramatical?

José Lins do Rego (1946), depois de falar de “erudição botânica”, dos “conhecimentos de zoologia” e de “uma quase pedante exibição de detalhes que nos enfada”, admitiu que *Sagarana* “é um magnífico livro de contos, como já nos deram o Sr. Monteiro Lobato ou o Sr. Luiz Jardim”.

Para os críticos de Guimarães Rosa, o horizonte de expectativa estava marcado por Afonso Arinos, Alcântara Machado, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Machado de Assis, Marques Rebelo, Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto, entre outros, mestres do conto e/ou expressões da literatura regional. Inevitável, portanto, que se discutisse “regionalismo”. Porém, procurou-se um conceito que se lhe aplicasse. Se um crítico falava de um “regionalismo com o processo da estilização”, contrário a um chamado “convencional regionalismo literário”; e de regionalismo “no bom sentido da palavra”.

Renato Almeida (1946), após reconhecer o êxito de *Sagarana*, preferiu emprestar um tom político ao debate, lembrando: “O drama das populações do interior e o equívoco da civilização brasileira mais uma vez se patenteia”.

Oscar Mendes (1946) sistematizou duas noções de regionalismo, servindo, inclusive, para esclarecer como, em 1946, poderiam ser entendidas as formulações de Álvaro Lins e de Francisco de Assis Barbosa:

Criou-se um conceito de regionalismo na verdade muito estreito. Para muitos, escritor regional é apenas aquele que escreve usando termos de linguajar caipira ou matuto para contar casos de muito pouca importância

e de interesse muito restrito. [...] Mas o verdadeiro escritor regional, a nosso ver, é aquele que, num cenário característico especial, único por vezes, sabe fazer viver o drama universal da condição humana. Poderá usar termos regionais para maior pitoresco e cor local, mas apenas como um recurso estilístico e maior força de caracterização. [...] Da leitura do livro do sr. Guimarães Rosa não me veio a impressão dum regionalismo daquela espécie limitada.

Antonio Candido (1946) estabeleceu a questão em termos de regionalismo e de nacionalismo literário. Relembrando a formação de uma consciência federalista, a crise de 1929, o Estado Novo, a fase nacionalista, cujo expoente, segundo ele, foi Bilac, via na década de 40 uma tendência para “ser bairrista”, e citou Gilberto Freyre como porta-voz da corrente. E é nesse contexto de “sabor da terra” (expressão usada por Candido) que se apresentou *Sagarana*. O crítico foi o primeiro a sublinhar que, em Guimarães Rosa, “Minas é menos uma região do Brasil do que uma região da arte, com detalhes e locuções e vocabulário e geografia cosidos de maneira por vezes quase irreal, tamanha é a concentração com que trabalha o autor”. Mais adiante, observa um “regionalismo ‘entre aspas’”, ou seja, em que

os escritores trouxeram a região até o leitor, conservando, eles próprios, atitude de sujeito e objeto [...] Guimarães Rosa construiu um regionalismo muito mais autêntico e duradouro, porque criou uma experiência total em que o pitoresco e o exótico são animados pela graça de um movimento interior em que se desfazem as relações de sujeito e objeto para ficar a obra de arte como integração total de experiência. *Sagarana* nasceu universal pelo alcance e pela coesão da fatura.

No entusiasmo da polêmica, dialogava-se, através dos periódicos, retomando ou ampliando pontos, trazendo novos argumentos e apontando divergências. Sérgio Milliet (1946a) que, um tanto ambivalente, em 19 de maio, já havia dito:

*Sagarana* é, entretanto, uma grande estréia. Mais pela promessa do que pela realização. Estamos diante de um escritor capaz, de uma grande obra. Se conseguir libertar-se de sua propensão para a anedota, o caso curioso, se puder livrar-se da tendência para o efeito e o rebuscamento, se se depurar enfim e tentar uma penetração mais vertical do mundo, há de dar-nos dentro em pouco uma grande obra,

voltou a falar do livro (1946b), em 21 de julho, por causa do artigo de Candido:

O jovem crítico paulista considera que o sr. Guimarães Rosa transcende o regional em seus contos, que “*Sagarana* nasceu universal pelo alcance e a coesão da fatura” e, ainda, que a língua usada “parece ter atingido o ideal da expressão literária regionalista”. Desejaria que o sr. Antonio Candido esclarecesse melhor a sua concepção do universal e nos dissesse também em que essa língua erudita e admiravelmente artística de Guimarães Rosa se prende ainda ao regional.

Apesar da nota ambígua sobre o caráter universal, Milliet chegou a assegurar, não negar “as qualidades do escritor Guimarães Rosa nem a importância de seu livro como marco de uma nova tentativa regionalista”, ainda que, logo em seguida, estivesse apontando “amor ao efeito”, “um rebuscamento, uma profusão barroca que atordoam por vezes mas não penetram além da inteligência da gente”. E concluiu: “Releio *Sagarana* depois do rodapé de Antonio Candido. Lerei sem dúvida outras vezes o livro. Para discuti-lo ainda, o que não deixa de ser ótimo sinal”.

## PARA ARREMATAR

Quase que antecipando a lição de Jauss (1978: 73), segundo a qual “a resistência que a obra nova opõe à expectativa de seu primeiro público pode ser tão grande, que um longo processo de recepção será necessário antes que seja assimilado aquilo que era originalmente inesperado, inassimilável”, Agrippino Grieco (1946) disse: “[...] o livro parece-me opulento. Muitos episódios bons e, naturalmente, episódios maus. Há onde se lhe pegue. Existe. Mesmo nas ruins passagens (e que bom trabalho não as tem?), aí está, implícito, *um grande livro futuro*” (grifo nosso).

Se *Sagarana* foi acolhido com aplausos e com restrições por parte da crítica, também não ficou parado nas prateleiras das livrarias, passando a figurar entre os mais vendidos daquele ano. Para Almeida Fischer (1946), “é verdade que certos críticos e cronistas exageraram um pouco os méritos do livro e se esqueceram de apontar-lhe as deficiências, o que explica, em parte, o sucesso obtido”. Alcântara Silveira (1946), talvez mais realista e com uma certa neutralidade, disse: “O que houve no caso de J. Guimarães Rosa foi apenas coincidência entre a opinião do povo e a do crítico (coisa que raramente acontece) e por isso *Sagarana* tem sido lido”.

Na verdade, a crítica refletia uma atitude de recepção. *Sagarana* trazia nova seiva para a corrente regionalista, e, por isso, o debate levou a que se refletisse sobre esse conceito, marcando sempre o caráter de exceção, ou de originalidade, contido no livro. A polêmica esteve sempre orientada por uma atitude comparativa, quer com os grandes contistas, quer com os reconhecidos nomes do regionalismo. Ou seja: o debate foi travado à luz do cânone de até 1946. A partir daí, *Sagarana* passava a integrar o cânone, agora enriquecido com sua participação, embora se tenha falado de regionalismo “entre aspas”, regionalismo de “técnica aristocrática de representação estética”, regionalismo “no bom sentido da palavra”, como procurou explicar a crítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA SILVEIRA. Um romance fenomenologista. *A manhã*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1946. Letras e Artes. Arq. JGR-IEB/USP-R2.
- ALMEIDA FISCHER. O conto na literatura. *A manhã*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1946, p. 14. Letras e Artes. Arq. JGR-IEB/USP-R2.
- ALMEIDA, R. Sagarana. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 30 jun. 1946. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- BARBOSA, F. de A. Sagarana. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1946. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- CANDIDO, A. Sagarana. *O jornal*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1946. Notas de crítica literária. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- GRIECO, A. Sagarana. *O jornal*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1946. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Trad. Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978. (Tel, 169).
- LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- LIMA, S. M. van D. (Org.). *Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa*. 2. ed., rev. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000(a).
- \_\_\_\_\_. Guimarães Rosa em demanda do texto. *Lusobrasílica: i protagonisti del racconto*, Roma, Bulzoni, 2000(b), p. 177-90.
- LINS, Á. Uma grande estréia. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 12 abr. 1946. Jornal de crítica. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- MENDES, O. Recomeçando. *O diário*, Belo Horizonte, 14 jul. 1946. Alma dos livros. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- MILLIET, S. Sagarana. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 19 maio 1946(a). Diário crítico. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- \_\_\_\_\_. Leituras avulsas. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1946(b). Diário crítico. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- REGO, J. L. do. Sagarana. *O globo*, Rio de Janeiro, 10 maio 1946. Arq. JGR-IEB/USP-R1.
- SODRÉ, N. W. *Memórias de um escritor: formação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. Vol. 1.